

A FÉ CRISTÃ ENTRE A *ECCLESIA* DOMÉSTICA E A *ECCLESIA* URBANA

Uma comparação entre Filipenses e 1Pedro com vistas à Missão Urbana hoje

*Roberto E. Zwetsch**

Introdução

A missão urbana é um dos maiores desafios que se apresentam hoje às igrejas cristãs. Cada vez mais as cidades no Brasil e na América Latina manifestam os sintomas da violência, da discriminação, da pobreza que avilta a pessoa humana. Recente pesquisa divulgada pela FAO, órgão das Nações Unidas que estuda as consequências da fome nos diversos continentes, reconheceu que a fome no mundo atingirá mais de 1 bilhão de pessoas em 2009, pela primeira vez na história mundial, fato que se agravou após o início da última crise econômica mundial¹. Só na América Latina e Caribe são 53 milhões de pessoas. E o mais intrigante é que este problema fundamental, já denunciado há mais de 40 anos pelo grande pesquisador brasileiro Josué de Castro, não se constitui num problema técnico, mas eminentemente político e econômico. Pois, entre as principais causas da falta de alimentos, está a injusta distribuição da renda e da riqueza social, dos recursos e das possibilidades de vida para as grandes maiorias.

Diante desse quadro, que dizem as comunidades e igrejas cristãs? Que significa a proposta da fé evangélica frente à morte anunciada por fome e miséria de tantas pessoas? Será que encontramos alguma luz nos escritos do Novo Testamento que podem nos ajudar a levantar a voz, a construir solidariedade e a semear esperança como resposta ao amor incondicional de Deus por seu povo? Que significou para as comunidades do primeiro século depois de Cristo a passagem de uma *ecclesia* doméstica para uma *ecclesia* urbana que, lentamente, passa a assumir traços patriarcais? Em que consistiu o fermento libertário do Evangelho de Cristo e sua proposta de amor mútuo, de testemunho e serviço? Como resgatar a força desse evangelho que dignifica e liberta para uma vida nova?

* Pastor da IECLB, professor de Teologia Prática e Missiologia na Escola Superior de Teologia – Faculdades EST; secretário executivo de CETELA – Comunidade de Educação Teológica Ecumênica Latino-Americana e Caribenha, em São Leopoldo, RS. E-mail: cetela@est.edu.br

1. “O número supera em quase 100 milhões o do ano passado (2008) e equivale a uma sexta parte, aproximadamente, da população mundial”, adverte o relatório da FAO. A subnutrição ou fome ocorre quando pessoas não consomem o mínimo de 1,8 mil calorias diárias. Em termos concretos isto seria o equivalente a três pratos cheios de arroz com feijão por dia! “A crise silenciosa da fome cria um risco grave para a paz e a segurança mundial”, afirmou Jacques Diouf, diretor-geral da FAO em Roma. E continuou: “Precisamos urgentemente formar um consenso amplo para a erradicação total e rápida da fome”. O caminho apontado indica que crédito, assistência técnica, sementes, fertilizantes e condições de comercialização aperfeiçoados podem, sim, garantir mais alimento nas mesas dos pobres do mundo. Cf. *Zero Hora*. Porto Alegre, 20/06/2009, p. 20 e 41.

Neste artigo exploratório, procuro analisar algumas perícopes da Carta aos Filipenses e da Carta de 1 Pedro para discernir o que os textos propõem para a prática da fé como vivência encarnada num contexto de perseguição e oposição. A proposta cristã questiona o *status quo* e estimula uma vivência cidadã em boa consciência, em amor e serviço como testemunho ali onde se situa e se desenvolve, ainda que isto possa significar calúnia, perseguição e sofrimento. Considerando o novo contexto socioeconômico e cultural em que vivemos atualmente, como reinterpretar estes textos tão antigos, mas ao mesmo tempo, tão atuais?

1. Da *ecclesia* doméstica à *ecclesia* urbana – o contexto maior das Cartas de Filipenses e 1 Pedro

A passagem do evangelho de Jesus da Palestina para o mundo greco-romano na segunda metade do primeiro século foi crucial para a expansão da fé cristã. Significou um desafio sem precedentes para o entendimento do evangelho nos novos contextos em que ele se inseriu.

A prática de Jesus se deu em pequenos povoados e só adquiriu maior relevância ao chegar em Jerusalém. Esta foi a primeira grande cidade onde o evangelho se fixou e formou comunidade. Conforme Nélio Schneider, foi a partir de Jerusalém que o evangelho de Jesus, com fortes conotações camponesas, foi se transformando em evangelho sobre Jesus. A partir daí ele se espalhou por todo o mundo urbano mediterrâneo (Ásia Menor, Grécia, Alexandria no Egito, Roma). Vale registrar também que o anúncio sobre Jesus foi acompanhando as grandes rotas comerciais da época, que interligavam os grandes centros urbanos, por terra e por mar. Menos de vinte anos após a ressurreição de Jesus, já se podia encontrar pequenas comunidades cristãs por todo o mundo urbano daquela região e até além dele. Schneider chama a atenção para outro aspecto intrigante: a ressonância que a mensagem evangélica encontrou num meio totalmente diferente de sua origem, de tal modo que foi acolhida entre pessoas das *polis* e das *urbs* que inicialmente não pareciam estar destinadas a isso. A explicação para este desdobramento está relacionada a vários fatores, mas indiscutivelmente tem a ver com o *modo* como este evangelho se inculturou no mundo urbano, por exemplo, a partir da atividade missionária de Paulo e de vários outros missionários e missionárias. Há que considerar ainda o aspecto libertário-comunitário constitutivo da fé em Cristo e de sua vivência prática.

No caso de Paulo e do grande grupo de seus colaboradores e colaboradoras (aliás, em certos casos, Paulo é que foi colaborador de outros!), sua presença nas cidades não era algo especial. Como um cidadão urbano, nascido em Tarso, uma grande cidade do seu tempo, ele atua e se movimenta com desenvoltura nas cidades. Ao escrever para os Filipenses: “Exerçam a sua cidadania (*politeúesthe!*) de maneira digna do evangelho de Cristo” (1,27), ele não o faz para pessoas que vêm de fora da cidade, para então animá-las a ser, dali por diante, cidadãs. Ao contrário, ele escreve esta orientação para pessoas que *já* exerciam sua cidadania onde moravam, mas agora são animadas por um modo diferente de ser cidadão, isto é, o modo que corresponde ao evangelho de Cristo.

A comunidade de Filipos possivelmente surgiu quando Paulo se encontrou com Lídia e suas companheiras de trabalho (At 16,11-15). Paulo tinha especial predileção por esta comunidade. Assim como esta, de um modo geral, as comunidades cristãs surgiram a partir das pessoas que se reuniam em sinagogas para escutar a nova mensagem a respeito de Jesus de Nazaré. E a característica marcante é que nos inícios estas comunidades eram grupos domésticos. A *ecclesia* ou assembleia se reunia nas casas: na casa de Ninfa, de Priscila e Áquila, de Filêmon e tantas outras. Esta palavra *ecclesia* (assembleia) indicava não só os grupos domésticos reunidos, mas ainda o local da reunião e a localização geográfica das comunidades. Mais tarde compreendia também a pluralidade ou a totalidade das comunidades como se pode notar, por exemplo, no endereço da Primeira Carta de Pedro. Esta carta é escrita para os eleitos que são “forasteiros” da dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia (1,1).

Marga J. Ströher informa que estas comunidades ou *ecclesias* domésticas não apenas faziam parte de um corpo maior da Igreja cristã nascente, mas compreendiam cada uma delas uma *ecclesia* plena que está *na casa*. Com isto, estas comunidades domésticas assumiram as características que predominavam no mundo de então: o caráter *patriarcal* das casas, em grande medida, influenciou o cristianismo nascente, ainda que não sem resistência principalmente por parte das mulheres, pois estas encontraram nas comunidades um espaço para viver com liberdade e até assumir liderança. Temos muitos exemplos nas cartas de Paulo sobre estes desdobramentos (cf. Rm 16,1-16; 1Cor 16,15-20).

Sabe-se pela pesquisa que as casas do mundo greco-romano representam um modelo de vida social, econômica e política. Nelas, o papel político ativo estava reservado exclusivamente ao senhor da casa, o *kyrios* ou *pater familias*. Ele deveria preservar a vida privada e a ordem conforme os padrões patriarcais de então. Crianças, mulheres e escravos lhe deviam obediência. Ora, na *ecclesia* cristã este esquema foi superado, ao menos em termos do conteúdo da fé libertadora em Cristo, como ficou atestado em Gálatas 3,28 e na epístola de Filêmon. Ainda assim, a ordem patriarcal foi sendo assumida e, por fim, já no segundo século prevaleceu na organização da Igreja Antiga.

O que importa ressaltar aqui é que estas comunidades domésticas no meio urbano passaram por um processo de estruturação que foi se tornando mais complexo com o tempo, assumindo diferentes formas de hierarquia. Nas cartas de Paulo temos a discussão sobre a comunidade como um corpo com muitos membros, em que se debatem grupos de tendências diferentes e até contrários: carismáticos, espirituais, pobres, pessoas com mais posses, e assim por diante.

Houve um processo de *patriarcalização* das comunidades cristãs. Se nos primeiros tempos prevaleceu a liberdade oriunda da igualdade *em Cristo* (cf. Gl 3,28), o que permitiu uma experiência inédita de igualdade entre homens e mulheres, entre escravos e senhores, entre adultos e crianças na comunidade cristã, com o tempo isto foi mudando. Ao contrário de Filipenses, a Primeira Carta de Pedro já nos situa num novo momento em que a comunidade cristã, pequena e frágil do ponto de vista político, procura sobreviver num meio hostil em que os cristãos são tidos como gente estranha, como “fo-

rasteiros”, de quem não se pode esperar fidelidade ao meio social e religioso circundante. Daí a luta das comunidades por reconhecimento e aceitação, mas sem abrir mão do testemunho, das implicações da fé em Cristo em meio às religiões e, sobretudo, diante do culto do imperador romano que predominava na sociedade dominante.

Filipenses é uma carta que Paulo escreve da prisão, possivelmente em Éfeso, com o intuito de manifestar um tema crucial de sua teologia: qual é o verdadeiro evangelho e qual é o caminho que este evangelho propõe aos seus seguidores. A data da carta pode situar-se entre 52 e 57. Segundo alguns exegetas, ela seria uma composição de cartas menores, mas que acabaram sendo reunidas e conformando um só escrito, como a conhecemos hoje. Paulo responde a certos adversários que o estariam contestando e dizendo que ele não é verdadeiro apóstolo, como ocorreu em 2Coríntios. Em sua resposta, ele reafirma seu entendimento maior: o fundamento da autoridade do verdadeiro missionário não está nele mesmo, nem em suas experiências carismáticas, mas no próprio *evangelho*. Se o evangelho proclamado for legítimo, também o missionário será legítimo, autêntico. Mas como discernir qual é o verdadeiro evangelho? O sinal fundamental é e será sempre a *cruz*. O evangelho de Jesus Cristo está centrado na cruz.

Segundo Comblin, no caso de Filipenses, este evangelho contém quatro elementos:

a) não existe outro meio de salvação senão a cruz de Cristo; b) a cruz e o serviço de escravo simbolizam o caminho da libertação. Jesus renunciou aos direitos de Deus e de um ser humano livre, ao direito à vida e até de morrer como membro do seu povo. Ela significa o esvaziamento de todo o valor e de todo o poder. Só assim, ele se tornou “o nome que está acima de todo o nome” (2,9); c) quem prega este evangelho também enfrenta perigos como a prisão e a morte. Este é o evangelho da cruz. Um evangelho que encontra boa acolhida entre as autoridades ou uma aceitação muito rápida e sem esforço entre as pessoas possivelmente não é o evangelho da cruz; d) a cruz de Cristo significa serviço à humanidade, aos outros. Este evangelho não pensa primeiro em si mesmo, mas aceita voluntariamente entregar a vida pelo bem dos outros.

O hino cristológico citado por Paulo é o ápice desta carta e desta compreensão do evangelho (2,5-11). Jesus é o missionário autêntico, pois obedeceu a Deus até o fim. Obediência aí não significa simplesmente acatar ordens, mas entregar-se ao projeto do Reino de Deus, por amor e solidariedade. Filipenses, assim, é uma carta em que Paulo defende este evangelho; por isto ele adverte que, às vezes, é necessário acautelar-se de cães e maus mensageiros (3,2).

Quanto à Primeira Carta de Pedro, já estamos num outro momento. Ela foi escrita possivelmente num contexto de perseguição, que causava sofrimento e morte injusta. Os membros das comunidades mencionadas em 1,1 são “estrangeiros na dispersão” e esta característica será essencial para a mensagem que a carta anuncia. Os exegetas mencionam que o sofrimento reside nas hostilidades da sociedade pagã contra a comunidade cristã. As pessoas têm dificuldade de compreender o estranho modo de vida dos cristãos. Passam então a difamar e marginalizar a comunidade cristã: os cristãos são estigmatizados como ateus, misantropos, orgulhosos e provocadores de tumulto. Um dos problemas maiores era sua recusa a submeter-se à religião oficial do

Império, que estava entrelaçada firmemente com todos os setores da cultura e da sociedade. Não por acaso o autor da carta admoesta em sua exortação: “Ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois. Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiqueis alarmados, antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós” (3,14-17).

1Pedro foi escrita provavelmente no período de Domiciano (talvez em Roma?) entre 81 e 90, seguramente após 70. A Carta de Policarpo (cerca de 120) já menciona esta 1Pedro, o que indica sua existência pelo fim do primeiro século. Quer dizer, entre Filipenses e a Carta de Pedro temos quase 40 anos de distância, tempo suficiente para uma mudança considerável na forma de existência das comunidades cristãs urbanas. Ainda assim, a exegese constatou muitas ligações entre ambas, especialmente do ponto de vista teológico. 1Pedro se situa, portanto, sob a influência da teologia *paulina*. Entre outros textos que apontam para tal pode-se mencionar 1Pd 3,18; 4,1-3; 4,10.

Importa ressaltar ainda sobre esta carta o seguinte. O autor conhece o grego culto e é alguém que acolhe diferentes tradições do cristianismo influenciado pelo helenismo, com visíveis traços da tradição paulina. Mas isto não descarta a possibilidade de que tenha sido escrita por pessoa ligada a antigos colaboradores de Pedro, daí a menção do apóstolo como autoridade sobre as igrejas a quem ela é dirigida. Do conteúdo se depreende que a questão do “ser forasteiro”, do “ser estranho” diante da hostilidade da sociedade, passa a ser expressão de uma singularidade cristã positiva. Isto significa que, corretamente entendida, tal singularidade liberta os cristãos para viver um comportamento “aberto e responsável em meio aos contextos sociais conflitivos”, como escreve Feldmeier.

É sobre estas duas compreensões de cidadania cristã que passo a tecer alguns comentários a partir de duas perícopes, uma de cada carta. O propósito é verificar até que ponto a participação dos cristãos e das comunidades em seu contexto serve para manter o *status quo* ou, em virtude do evangelho, pode tornar-se um sinal alternativo na linha da justiça e da paz que traz esperança, sobretudo para as pessoas marginalizadas e sem lugar na sociedade.

2. Viver a cidadania do evangelho – observações sobre Filipenses 1,27–2,11

Comblin aponta para o fato de que Paulo na Carta aos Filipenses exorta a comunidade a manter-se unida contra os adversários, os falsos missionários. O evangelho de Cristo exige lutar num só espírito, numa só alma baseados na fé. A salvação é dom de Deus e não se submete a observâncias e obras humanas. A graça de viver por Cristo e também sofrer por Ele é que reafirma a verdade do evangelho. Não se trata apenas de crer no evangelho, mas de sofrer perseguição e, no limite, o martírio.

Quando Paulo inicia a sua exortação, chama a atenção o verbo que ele utiliza: *politéuesthe*! Isto pode ser traduzido como “portar-se como cidadãos” ou “exercer a cidadania”. Por que este verbo aqui? Schneider argumenta que Paulo está falando a pessoas que vivem na cidade e para elas “exercer cidadania” faz parte de sua compreensão

de ser humano. Aliás, nessa carta há um debate em que provavelmente Paulo usou mais uma vez o seu argumento já conhecido dos Atos dos Apóstolos para rebater seus opositores: diante dos juízes romanos ele se defende das acusações que pesam contra ele afirmando sua *cidadania romana*. Este fato adia o julgamento e acaba por conduzi-lo a Roma, onde mais tarde provavelmente morreu como mártir. Com esta objeção Paulo não apenas adiou sua morte, mas abriu a oportunidade de levar adiante o evangelho a outros lugares e situações. Em sua defesa diante dos seus detratores ele foi taxativo: “para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro. Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, já não sei o que hei de escolher” (1,21-26). Adiante, ele argumenta de modo ainda mais enfático: “Mas o que para mim era lucro, isto considere perda por causa de Cristo. Sim, verdadeiramente considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus meu Senhor: por amor do qual, perdi todas as cousas e as considero como refugio, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, [...] senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé” (3,7-9).

Enquanto missionário a serviço do evangelho, Paulo se vale das estruturas e costumes do seu tempo para melhor divulgar a mensagem de que é portador. Ele então exorta a que, da mesma forma, também a comunidade de Filipos exerça sua pertença à cidade por modo digno do evangelho de Cristo. Que significa isso? Conforme Schneider, três pontos cabe mencionar aqui. Em primeiro lugar, cidadania é um dado vital para a vida cristã e sua inserção social. Não é algo acoplado à vivência da fé, mas é a base a partir da qual a fé se manifesta, é testemunhada e incide sobre as pessoas e suas relações. Em segundo lugar, o exercício da cidadania cristã é uma luta, é um ato militante (1,27.30) que desafia os adversários e gera conflitos (1,28) podendo inclusive gerar sofrimento (1,29). Se no tempo de Paulo, os conflitos foram mais internos à comunidade, já no tempo da 1ª Carta de Pedro nos encontramos com uma forte oposição da sociedade contra os cristãos. Não obstante, tanto numa como noutra carta os cristãos são vistos como “forasteiros”, “peregrinos”, “perseguidos” por causa do evangelho e de sua vivência. Seria interessante aprofundar numa reflexão posterior o significado da “justiça do evangelho” ou da “justiça do Reino de Deus” em relação às desigualdades e injustiças que hoje mantêm multidões vivendo em condições subumanas e sem chances de sobreviver dignamente. Penso de forma especial na juventude brasileira. Um terceiro aspecto é que o exercício evangélico da cidadania não se concretiza no isolamento em relação ao urbano, mas no esforço comunitário organizado (1,27). Isto significa que a comunidade cristã exerce o seu testemunho de duas maneiras: a) como testemunho pessoal de cada pessoa, aliás, intransferível; b) como esforço comunitário participativo na *polis*. Ora, temos aí um bom argumento para demonstrar a dimensão *política* da fé cristã, não como algo extrínseco à fé, mas antes como algo que lhe diz respeito incondicionalmente. Este entendimento pode ter consequências importantes para uma compreensão atualizada da fé cristã hoje.

Como último ponto a considerar nessa longa perícope, alguns pensamentos sobre o hino cristológico de Filipenses 2,5-11. Está provado que ele veio da prática litúrgica da comunidade primitiva. Não se sabe sua autoria, mas Paulo o incorporou em sua

teologia porque traduz exemplarmente o que ele pensa sobre o evangelho. Comblin afirma que este hino é o núcleo desta carta. Nele encontramos um caminho de salvação, de libertação. O caminho é Jesus e ele se manifesta por meio de dois movimentos: o primeiro de descida e o segundo de subida. Primeiro Cristo desce, Ele se rebaixa, deixa sua glória como ser divino e torna-se ser humano de uma forma radical: homem, escravo, morto, crucificado. Ele assume a cruz – sinal de maldição –, e nisso se esvazia completamente de qualquer poder. O que acontece, então, demonstra o poder de Deus. Reduzido a nada, à nulidade total, Deus o levantou ao nível mais alto e o constituiu como “o nome acima de todo o nome” para que diante dele se dobre todo o joelho e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus (2,9-11).

Aqui encontramos mais uma vez o tema que sobressai nos evangelhos. Jesus não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos. E Ele o faz voluntariamente, ninguém o obrigou a isso. Na humilhação da cruz e da morte maldita, por um lado, temos a total ausência de poder. Comblin afirma que a cruz, na teologia de Paulo, é a expressão máxima da condição de escravo e de esvaziamento de todo poder. Pode-se considerar nessa perícopes uma clara referência aos cânticos do servo sofredor de Isaías 53. Lá como cá a libertação somente ocorre mediante o sofrer do Justo que morre pelos injustos. É este Jesus que se humilha que Deus exalta e não outro. Consequência disso é que o caminho da cruz se torna exemplar para a vida cristã, não como uma expressão de masoquismo cristão, mas como experiência concreta do amor e do serviço ao outro.

Quem quer participar do Reino de Cristo e da caminhada do evangelho precisa aprender a caminhar este caminho. Ao final, aquele que foi tratado como escravo e o último dos homens, a este Deus exaltou e o fez Senhor e Cristo. Esta é a confissão de fé básica dos cristãos. O senhorio de Cristo, que somente será completo no fim dos tempos (*parusia*), não obstante, já se faz presente toda vez que alguém faz a experiência da fé e da liberdade. Por exemplo, na Ceia temos uma oportunidade inigualável de vivenciar a igualdade das filhas e dos filhos de Deus. Nela somos todos convidados a receber o perdão, a viver o amor fraterno, o cuidado de uns para com os outros, testemunhando assim perante o mundo que a vida tem sentido e que na comunhão há liberdade, atenção, consolo e esperança. A Ceia de Cristo é um sinal do reino futuro e quem nela é acolhido, dela leva bênção e compromisso para viver no mundo aquilo que, de graça, recebeu de Deus. A Ceia é um sacramento missionário por excelência! Ademais, ela aponta para uma cidadania alternativa, na qual as pessoas se apoiam e se consolam mutuamente. Ninguém fica excluído do banquete, uma vez que aceite o convite para dele participar.

3. Dar razão da esperança como forasteiros que vivem o amor fraternal – observações sobre 1Pedro 3,8–4,11

A Primeira Carta de Pedro, como escrevi, está situada num contexto diferente da comunidade de Filipos. Ela supõe uma comunidade cristã já presente há bastante tempo na sociedade do seu tempo. Supõe ainda que esta presença causa estranheza, conflito e, no limite, perseguição e morte. A palavra sofrimento tem um lugar especial nesta

carta. E, não obstante, o autor exorta a que a comunidade e as pessoas de fé assumam com alegria o sofrimento, pois, na verdade, este nada mais é que sinal de sua bem-aventurança (3,14). Considerando este contexto hostil, a carta procura traduzir para dentro das estruturas de poder vigente, as exigências de uma vida cristã virtuosa, de boa consciência, e que pauta sua ação pela prática do bem, em boa consciência e vivendo de forma justa. O autor vai mais longe ao afirmar que não é necessário se amedrontar nem se alarmar com ameaças ou outras injustiças (3,13). Importa viver com mansidão e sobriedade de tal modo que os outros é que se sintam envergonhados por difamarem quem vive e procede de modo digno *em Cristo*. No contexto dessas comunidades, podem-se mencionar duas possibilidades de vivência do amor fraternal: a) na comunidade de irmãos e irmãs, por meio de um convívio de amor e humildade (1,22; 2,17; 3,8-12; 4,8-11). Dessa forma a fé se mostra verdadeira e o testemunho para fora pode convencer a outros por sua honestidade e sobriedade (3,1-7); b) ao mencionar o testemunho para fora, 1Pedro aponta para a dimensão *social* da vivência da fé. Mesmo quando apenas se considere um testemunho calado (2,12; 3,1-2) ou através do sofrimento (2,21), temos aqui um desafio tipicamente oriundo da fraqueza da fé que se faz forte na resistência e na ousadia. A aparente submissão, nesse caso, se torna ação consciente com objetivos apologéticos e missionários, como constata Feldmeier. Discute-se nessas admoestações para uma vida cristã exemplar na sociedade até que ponto aqui se incentiva a submissão às autoridades e à sociedade como ela se apresenta, com suas injustiças e imposição de valores contrários à fé cristã. De fato, encontramos nessas perícopes uma visão que não imagina a possibilidade de uma transformação radical da sociedade, algo como uma *revolução*. Isto está fora das cogitações do cristianismo primitivo. Mas não é despropositado pensar que, ainda assim, os cristãos como minoria ativa e alternativa tenham interferido com um novo estilo de vida que, afinal, ajudou a mudar a sociedade tradicional.

A proposta de uma vivência do etos cristão na forma de amor mútuo e em humildade dentro das estruturas de poder da sociedade vigente, de alguma forma, contribuiu para minimizar o potencial de violência inerente a essas estruturas de poder. A atitude exemplar de “sofrer por causa da justiça” foi conquistando corações e mentes. E este testemunho também se tornou ocasião para um diálogo frutífero. Por meio dele os cristãos puderam apresentar suas razões, suas respostas para a esperança que lhes inspirava (3,15). Uma constatação aqui é que a existência cristã não se realiza de forma sectária ou simplesmente contrariando por princípio a sociedade onde ela acontece. Antes a existência cristã se abre na disposição para o diálogo com o outro, com a outra, em vista de um futuro carregado de esperança. E tal testemunho não se dá de forma provocativa, mas com a tranquilidade de quem tem boa consciência, ainda que possa sofrer injustamente. E se este for o caso, isto significa simplesmente a possibilidade de participar dos sofrimentos de Cristo.

Nesse sentido, é interessante constatar como 1Pedro compreende o sofrimento por causa da fé. Em 4,1-19 está dito que quem sofre no discipulado de Cristo, armando-se com o mesmo pensamento que ele teve (cf. Fl 2,5-11), fica unido a Cristo e, dessa forma, participa da salvação, já não vive, simplesmente, segundo as paixões huma-

nas, mas segundo a vontade de Deus. O que é preciso enfatizar, no entanto, é que tal participação nos benefícios de Cristo, que é dom de Deus e oferta da sua graça, não ocorre sem esforço, sem luta no cotidiano da vida de fé. O mesmo Paulo já escrevera na Carta aos Filipenses (1,27-30).

A partir de 4,4 esta orientação se torna uma vida contra a corrente. Os cristãos não concordam com as práticas correntes de devassidão e injustiça. Mas propõem uma vida conforme a vontade de Deus, porque afinal de contas, prestam contas em última instância a Deus mesmo e não simplesmente a autoridades humanas. Esta ética exigente e aparentemente “estranha”, entretanto, não pode servir para autoengrandecimento. Pelo contrário, em tudo deve prevalecer a ponderação e a sobriedade. Acima de tudo, vale o cultivo do amor, pois este cobre multidão de pecados (4,8). É importante mencionar que a Carta não diz que os cristãos são pessoas sem pecado, mas que o amor cobre multidão de pecados. Por isto mesmo, atitudes coerentes com o exercício prático do amor fraternal são a hospitalidade, marca da comunidade cristã desde suas origens, o serviço mútuo (*diaconia*), e, por fim, a oração de intercessão. Pois, em síntese, tudo existe e serve à glória de Deus (4,11). O amor de que fala esta perícopé é o centro da fé cristã. Por quê? Justamente porque apenas o amor pode compensar as muitas falhas que caracterizam a existência de cada pessoa.

1 Pedro, então, sinaliza para uma abrangência maior da vivência da cidadania. Termos importantes aqui são: o sofrimento por causa da injustiça, o testemunho de uma vida irrepreensível e de boa consciência, o serviço ao outro a partir da multiplicidade dos dons que a fé confere (4,10), a vivência do amor fraternal em uma dimensão que transpõe os limites da comunidade, e a hospitalidade como expressão concreta de acolhimento e cuidado para com o desvalido, sem eira nem beira.

Em suma, podemos constatar duas dimensões intrínsecas desse evangelho de Cristo aqui anunciado: ele é *palavra e serviço*, evangelização e diaconia, dimensões que se constituem pilares da ação comunitária cristã. A doxologia que encerra esta perícopé com o Amém (4,11) testifica que a ação cristã não se volta para si mesma, mas é serviço a Deus, é ação com vistas à glorificação de Deus, por meio de Cristo. Alguém afirmou que a igreja cristã é a única instituição neste mundo cuja finalidade não se volta para sua manutenção. Ela não existe para si, mas para aquele que a chamou para ser luz, sal, povo de Deus, a serviço da justiça, da paz, da esperança.

4. Reinterpretando o evangelho da cidadania diante dos desafios da Missão Urbana

Em artigo recente o sociólogo e professor José de Souza Martins reflete sobre a dureza de ser migrante no mundo de hoje². Ele constata que a imigração que se deu em direção ao Brasil no século 19, com a vinda de imigrantes europeus para diversos estados, na verdade, nunca terminou. Muitos dos migrantes que vieram ao Rio Grande do Sul, depois migraram para Santa Catarina e Paraná, e na década de 1970, continuaram a migrar para Rondônia, Mato Grosso, Pará, alguns chegando até o extremo de Rorai-

2. Cf. *O Estado de S. Paulo*. Caderno *Aliás*, A Semana revista, 28/06/2009, p. J5.

ma, ao norte. Nos tempos atuais, as migrações continuam, mas agora muitos retornam à velha Europa ou mesmo ao Japão. E estas pessoas experimentam algo que seus antepassados conheceram, mas sobre o quê pouco se fala: “o imigrante foi trazido para cá como mão de obra e não como pessoa, outro modo de ser mercadoria e coisa, que estava na própria condição de escravo. Não é, por isso, casual que bolivianos venham hoje a ser escravos em São Paulo, no marco dessa mentalidade para ganhar na indústria de confecções menos do que seu trabalho vale”. Com os descendentes de japoneses que voltam ao Japão de seus avós se passa o mesmo. Lá os *decasséguis* não são reconhecidos como japoneses, apesar de seus olhos inconfundíveis, mas passam a ser temidos, porque estranhos. Todos estes migrantes são hoje milhões em todo o mundo.

O grande fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado anos atrás montou uma grande exposição com 500 fotos em preto e branco, em que denunciou a tragédia universal que as migrações provocam no mundo inteiro, principalmente na Ásia, África, Europa, mas também na América Latina e EUA. A exposição percorreu as principais cidades do mundo como São Paulo, Nova York, Tóquio, Paris, Berlim, Roma e outras. Salgado queria mostrar como essas pessoas desenraizadas são seres humanos. E por isto mesmo merecem atenção, cuidado e oportunidades. Em sua seleção, aparecem muitas crianças, cujos rostos denunciam a que ponto pode chegar a crueldade humana quando se transforma em violência estrutural.

Tomo este exemplo contemporâneo para propor o seguinte: será que a proposta do evangelho não encontra aí sua pertinência mais radical? Pois uma das características mais salientes do cristianismo dos primeiros tempos – como procurei demonstrar acima – foi sua capacidade para acolher o estranho, o diferente e lhe ofertar um lugar, uma *casa fraternal*, uma comunidade de vida em que podia experimentar o amor não fingido, o respeito, o cuidado de uns para com os outros, enfim, uma nova experiência de fé e cidadania.

Evaldo Luiz Pauly mencionou certa vez que o evangelho nos atribui uma dupla cidadania: pela fé, somos cidadãos do Reino de Deus, a serviço desse reino e sua justiça; mas pelo amor, somos cidadãos deste mundo, com os pés bem firmados na realidade presente, o que nos desafia a lutar para transformá-la. Assumir esta dupla cidadania, sem falsas separações, mas com criatividade e ousadia, certamente é um desafio permanente para a vivência cristã nas cidades complicadas em que vivemos atualmente. E se nessa caminhada viermos a sofrer por causa da justiça, não nos esqueçamos: somos bem-aventurados!

Bibliografia

COMBLIN, José. *Epístola aos Filipenses*. Petrópolis: Vozes/Imprensa Metodista/Sinodal 1985.

FELDMEIER, Reinhard. *A Primeira Carta de Pedro*. Um comentário exegético-teológico. Trad. Uwe Wegner. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2009.

SCHNEIDER, Nélío. “Exerçam a cidadania de modo digno do evangelho de Cristo”: o evangelho na cidade. In: BOBSIN, Oneide (Org.). *Desafios urbanos à Igreja*. Estudos de casos. São Leopoldo: Sinodal, 1995, p. 13-28.

STRÖHER, Marga Janete. *Casa igualitária e casa patriarcal* – Espaços e perspectivas diferentes de vivência cristã. Dissertação de mestrado. São Leopoldo: EST, IEPG, 1998.

Roberto E. Zwetsch
Faculdades EST – São Leopoldo, RS

Síntese: A ideia deste artigo é comparar a dimensão de “cidadania” que Paulo desenvolve em Filipenses com as recomendações de 1Pedro para as pequenas comunidades da Ásia Menor a quem esta é dirigida. Filipenses assume um conceito de cidadania cujo fundamento é o evangelho que dignifica as pessoas que creem e seguem a Jesus Cristo, ainda que sob cruz e sofrimento. 1Pedro propõe um ideal de testemunho e serviço para as comunidades cristãs urbanas também perseguidas (“dar razão da esperança que há em nós” e a vivência do “amor fraternal” no mesmo Espírito) que, reinterpretado, continua atual no momento em que vivemos.

Palavras chaves: fé cristã – cidadania – evangelho – testemunho e serviço – amor fraternal – missão urbana